

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELEM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

N.º 24

FEVEREIRO, 19, 1965

NOTÍCIA SOBRE OS ÍNDIOS TXIKÃO

— ALTO XINGU —

EDUARDO GALVÃO (*)
Universidade de Brasília

MÁRIO F. SIMÕES (*)
Museu Goeldi

A região do Alto Xingu — compreendida pelo leque aberto por seus formadores logo acima da confluência Ronuro-Culuene, e por êstes limitada a oeste e leste, respectivamente — é habitada por grupos indígenas que vêm freqüentando a literatura etnológica desde as primeiras viagens de Karl von den Steinen e Herrmann Meyer, no final do século XIX. (1)

Além das tribos reportadas por êsses pioneiros como integrantes da “província etnográfica” dos formadores do Xingu (2), somavam-se outras intrusivas ou marginais, do curso do Xingu pròpriamente dito, como os Trumái (alóf.), os Suyá (Jê) e Manitsauá (Tupi?). Por intermédio dos próprios alto-xinguanos obtiveram Steinen e Meyer ainda informações de outros

(*) — Bolsistas do Conselho Nacional de Pesquisas.

(1) — Para maiores detalhes sobre a região, histórico do desbramento, distribuição e demografia dos alto-xinguanos, cf. Galvão & Simões, 1964.

(2) — Steiner, Ehrenreich e Meyer consideravam a região dos principais tributários do Xingu (Culuene-Culiseiu e Batovi), isto é, da confluência Ronuro-Culuene (Xingú-Koblenz de Steinen) até as cabeceiras dêsses formadores, como um centro de aculturação indígena, província cultural ou etnográfica (Meyer, 1899:310-11). Como participantes incluíam: os grupos-locais Bakairí e Nahuquá (Karib); Kustenáu, Waurá, Mehináku e Yawalapití (Aruak); Kamayurá e Awetí (Tupi).

grupos indígenas hostis ou arredios, como os Yarumá e Aravine do rio Suiá-missu (Steinen, 1940:149-50), Cuiaaú ou Kabishí do Ronuro (ibid: 191; Meyer, 1900:124-26) e "Carajá" do Xingu (Steinen, 1942:214 e 278).

Posteriormente, enquanto alguns desses grupos desapareciam (Yarumá, Aravine e Manitsauá), outros para ali emigravam, como os Jurúna, os Kayapó-Metunktíre (Txukahamãe) e, recentemente, os Kayabí (3). Todos esses, como os Suyá, localizaram-se no rio Xingu, na faixa compreendida entre a foz do Suiá-missu e a cachoeira von Martius.

Com o amplo contato iniciado em 1946 pela vanguarda da Expedição Roncador-Xingu (Fundação Brasil-Central) (4), chefiada pelos irmãos Vilas-Boas, redundou a atração e pacificação por esses sertanistas de alguns desses grupos periferais como os Jurúna (1948), Kayapó-Txukahamãe (1953) e Suyá (1959). Entretanto, notícias filtradas através os alto-xinguanos informam ainda da existência de outros grupos desconhecidos e arredios, os quais, apesar de manterem-se isolados, não praticaram até o momento quaisquer hostilidades contra os alto-xinguanos ou mesmo civilizados. Dentre esses, destacam-se :

- a) *Agavôto-kueng* — grupo assemelhado aos Yawalapiti, com aldeia na mata fechada da mesopotâmia Culuene-Culiseiu. Afirmaram-nos os alto-xinguanos, em 1963, que a fumaça que se levantava da antiga aldeia Laha-tuá (abandonada pelos Kuikúro em 1962, por sua transferência para o ribeirão Ypátse) provinha daqueles índios que ali estariam residindo;

(3) — Sôbre os grupos marginais do Alto Xingu, cf. Simões, 1963.

(4) — Além da Fundação Brasil-Central outras agências federais se estabeleceram na região, construindo bases, postos e pistas de pouso, tais como: Serviço de Proteção aos Índios (SPI), a partir de 1920; Fôça Aérea Brasileira (CAN), em 1954; e o Parque Nacional do Xingu (PNX), em 1961. Cf. Galvão & Simões, 1964:132-4 e nota 3. Agradecemos a colaboração dos Irmãos Vilas-Boas, atuais administradores do Parque Nacional do Xingu que, de 1947 até esta data, vêm prestando aos cientistas que excursionam nessa área tóda assistência necessária.

- b) *Uai-kran* — grupo desconhecido que os Suyá apontam como habitando o alto curso do Suiá-missu;
- c) *Myahã* — outro grupo não identificado que andou incursionando pelas proximidades do antigo aldeamento dos Kayabí no rio Arraias, afluente do Manitsauá;
- d) *Takuxihái* — grupo arredio indicado pelos Jurúna como morador de uma lagoa no rio Auaiá-missu;
- e) ? — outro grupo não identificado, habitante do alto Suiá-missu, que os Vilas-Boas, após vôo realizado sobre sua aldeia, julgam tratar-se dos antigos Yaruma, Aruma ou Yarumá, grupo Karíb tidó como extinto e mencionado por Steinen, Meyer, Noronha e Petruzzo, por suas lutas no passado contra os grupos-locais Nahuquá do Culuene (Cr. Krause, 1936).

Dêstes, contudo, um outro grupo arredio e hostil — Txikão — da região do Batovi-Jatobá, detem maior notoriedade nos últimos anos por suas freqüentes incursões e ataques às aldeias alto-xinguanas da mesopotâmia Batovi-Culiseiu, estendendo-os, por vêzes, às proximidades do Pôsto Leonardo Vilas-Boas (PNX). Enquanto se podia discutir a realidade da existência de alguns dos grupos atrás mencionados, a presença dos Txikão se afirmava por repetidas correrias e hostilidades num território em que, a par da forte homogeneidade cultural, a tônica das relações intertribais é a da coexistência pacífica (Galvão & Simões, 1964:150) (5).

Uma primeira tentativa de aproximação e contato amistoso, levada a efeito por Claudio Vilas-Boas em 1952, quando em exploração do rio Batovi, foi por êsses índios repelida com fran-

(5) — Lima, em 1948, observando o estado de alarme e tensão permanente na aldeia Waurá pelos constantes ataques dos Txikão, informa: "sempre há um ou mais índios com suas armas, na expectativa de um ataque súbito". (Lima, 1950:6).

ca hostilidade. Este sertanista nos forneceu o quadro abaixo, indicativo da freqüência das incursões dos Txikão nos últimos anos :

- 1942 — (aproximadamente) atacam os Nahuquá aldeados à margem direita do Culiseiu, matando 12 homens e raptando 3 crianças; (6)
- 1949 — rondam a aldeia dos Mehináku, no ribeirão Totoari;
- 1950 — incendiam a aldeia Mehináku, forçando a transferência desta para o baixo Totoari;
- 1951 — assaltam a nova aldeia Mehináku, ferindo o índio Aiuruá;
- 1952 — subida do Batovi para tentar a primeira aproximação com os Txikão. Localizado um acampamento. Reação hostil;

(6) — A essas informações, temos a acrescentar :

- 1944 — assalto contra a aldeia Nahuquá, no rio Culiseiu, matando 4 homens e incendiando as malocas. Isso redundou no abandono dessa aldeia e transferência dos Nahuquá para a lagoa Yhumbá, próxima ao Culuene (Rel. 1.^a Exp. SPI, 1944 : fls. 6-7);
- 1945 — ataque contra os Waurá, incendiando-lhes uma maloca. Alguns Waurá juntaram-se à 2.^a Exp. do SPI na subida do Culiseiu a fim de colhêr material para suas flechas. Mais tarde atacaram e incendiaram a aldeia Txikão durante a noite;
- 1946 — investida contra o P. I. Culiseiu, no rio Batovi, onde matam uma lavadeira do Pôsto que se afastara demasiado do mesmo;
- 1948 — ataque a um grupo de Mehináku que subia o Culiseiu para auxiliar o transporte da expedição do missionário Thomas Young, próximo ao antigo pôrto dos Nahuquá (Rel. Thomas Young, 1948 : fl. 2);
- 1949 — nova investida contra a aldeia Mehináku, determinando o abandono desta e dispersão de seus habitantes pelas roças (Lima, 1955:166);
- 1952 — tentam incendiar algumas malocas da aldeia Mehináku, sendo rechaçados pelos disparos de Winchester 44 do "capitão" Mehináku.

As ocorrências de 1946 e 1948, apesar das afirmativas de terem sido praticadas por "Cajabís" (Txikão), acreditamos mais em atos cometidos pelos Xavante do Culiseiu, pacificados pelo SPI em 1954. (Cf. Simões, 1963 : nota 9).

- 1955 — rondam a aldeia Mehináku, obrigando a nôvo deslocamento; (7)
- 1960 — aproximam-se das aldeias Yawalapití, Mehináku e Awetí. Assaltam a aldeia Waurá, raptando duas crianças. Deslocamento da aldeia Waurá para o baixo Batovi (8). Em revide os Waurá, ajudados pelos Mehináku e Kamayurá, atacam os Txikão. Matam um homem Txikão e incendeiam a aldeia; (9)
- 1962 — aproximam-se os Txikão da aldeia Yawalapití e do Pôsto Leonardo Vilas-Boas. Os Yawalapití abandonam a aldeia e se transferem para o Pôsto, onde permaneceram até 1963, quando construíram a atual aldeia perto do mesmo;
- 1964 — acercam-se da aldeia dos Awetí, no rio Culiseiu.

Num vôo de rotina pelas aldeias, realizado a 16 de outubro de 1964, Orlando e Claudio Vilas-Boas localizaram na margem direita do Jatobá, afluente do Ronuro, uma nova aldeia indígena a qual identificaram fãcilmente como Txikão, visto sua semelhança com aquela do Batovi anteriormente sobrevoada por

- (7) — Em 1955 nova expedição organizada pelos Vilas-Boas subiu o rio Batovi para tenãr mais uma vez contato com os Txikão. Apesar dos vestígios recentes dos índios não conseguiram os sertanistas a aproximação desejada.
- (8) — Em 1958, a Inspetoria Regional do SPI (Cuiabá) resolveu tentar a atração e pacificação dos Txikão, aos quais denominava "Kajabi brabos". Contando com auxílio do avião da *South America Indian Mission* foi o rio Batovi sobrevoado e, finalmente, localizada a aldeia Txikão cêrca de 195 km em linha reta do Pôsto Indígena Culiseiu. Nos primeiros vôos sôbre a aldeia, tentaram os Txikão alvejar o avião com flechas, porém, nos reconhecimentos posteriores, ficavam na expectativa aguardando o lançamento de pacotes com brindes. A seguir fundou o SPI o Pôsto de Atração José Bezerra, cêrca de 50 km a montante da citada aldeia, tendo os Txikão por várias vêzes rondado o Pôsto e recolhido os presentes. Entretanto, por falta de recursos, em 1959, foi abandonado e recolhido o pessoal dêsse Pôsto. (Simões, 1963).
- (9) — Os sobreviventes Txikão abandonaram a aldeia e se refugiaram no baixo rio Jatobá, junto a sua confluência com o Ronuro. Ali foram localizados mais tarde pelo avião da *South America Indian Mission*, vivendo sob tapiris. (Ibid.).

êles, pelo pessoal do SPI e da *South America Indian Mission*. A atual aldeia Txikão está situada perto da margem direita do Jatobá, a uma distância estimada em 100 km no rumo de 240° partindo do Pôsto Leonardo Vilas-Boas. Por via fluvial, calculamos de 3 a 5 dias de viagem.

A aldeia compreende uma única maloca semelhante ao tipo alto-xinguano, duas ranchadas de trabalho e uma pequena estrutura inacabada (maloca?). Nos vôos sucessivos que então se realizaram a indiada, embora inquieta, não demonstrou sinais de hostilidade como em 1958, quando tentaram alvejar com flechas o avião da *South America Indian Mission* que lhes sobrevoava a aldeia (no Batovi) a baixa altura. (Cf. nota 8)

No dia 18, uma várzea distante uns 4 km da aldeia foi escolhida como local de pouso. Claudio Vilas-Boas e os pilotos Timóteo (SIL-UNB) e Genário (FBC) efetuaram aí a primeira descida. A seguir, como os Txikão não aparecessem, foi preparado o terreno para futuros pousos.

No dia seguinte, lideradas pelos irmãos Vilas-Boas, duas turmas compostas pelos pilotos acima referidos, o documentarista Jesko von Puttkamer, Leopoldo da Bélgica, Eduardo Galvão, o índio Pioni e o trabalhador Dico (Pq. N.X.), embarcaram em dois aviões — o *Cessna* da Fundação Brasil-Central e o *Helio Courier* da Universidade de Brasília. Os pousos se fizeram sem acidente na pista improvisada. Os Txikão já nos esperavam na orla do cerrado. Ao saltarmos dos aviões vieram se aproximando com muito alarido, porém, com os braços abertos segurando arcos e flechas afastados do corpo, em demonstração que não os utilizariam. Essas armas foram por nós trocadas por terçados, facas e outros brindes. Contudo, a qualquer tentativa de aproximação de nossa parte, recuavam. Mais tarde se estabeleceu um contato mais razoável, reunindo-se ao grupo duas mulheres e alguns garotos. O mau tempo nos obrigou a partir após duas horas, tendo a descolagem oferecido certa dificuldade para o *Cessna*.

Por dois dias consecutivos as chuvas impediram qualquer possibilidade de retôrno e, sômente a 22, foi possível nova apro-

ximação. Como da primeira, os Txikão aguardavam na cabeça da pista nossa chegada. Desta vez, porém, traziam cestas, rêdes e outros objetos para permutar conosco. Foi então estabelecido um contato menos agitado e a obtenção de um pequeno vocabulário, além da documentação sono-fotográfica indispensável. Nos dias imediatos as condições atmosféricas se agravaram, impossibilitando novos contatos.

O grupo que nos recebeu — que acreditamos representar a quase totalidade da aldeia — somava cêrca de 30 indivíduos. A maioria entre 20 a 25 anos, com apenas dois homens aparentando idade superior a 30. Mulheres adultas contamos apenas oito. São de baixa estatura, aproximando-se da média computada para os alto-xinguanos, isto é, 1,62 m para homens e 1,52 m para mulheres (Steinen, 1940:199-200). O aspecto físico dos homens contrasta com o comum dos alto-xinguanos, pois, são mais esguios e magros não chegando, porém, à condição de subnutridos. Homens e mulheres usam o mesmo corte de cabelo aparado em coroa como o alto-xinguano masculino, mas, a linha de corte mais alta e sem tonsura. Depilação corporal comum aos dois sexos. Ausência do "uluri" (pequena tanga típica da indumentária feminina alto-xinguana), ou de qualquer outro tipo de cobre-sexo ou amarração peniana.

Como adôrno os homens utilizam um colar semi-rígido de fios de algodão pintados de urucu, tendo no centro pingentes de capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*) fixados por fio e cerol (Prancha IX-b) (10). Já as mulheres usam outro colar, tipo gargantilha, feito de pequenos discos de tucum (*Astrocaryum* sp.) exibindo algumas diversos dêsses colares superpostos verticalmente (Prancha V). Homens e mulheres têm os lóbulos auriculares perfurados (cêrca de 1 cm de diâmetro), onde são fixadas por amarrilhos permanentes pequenas costelas de madreperola caídas em leque. No furo é ainda inserida pequena peça complementar de cana-de-ubá, com cêrca de 4 cm de comprimento, tendo a extremidade proximal orlada com plumas amarelas e vermelhas de tucano (*Ramphastos* sp.) e um pe-

(10) — Cf. Simões, 1963 : pr. VI.

queno disco de madreperola no centro (Prancha VI-a). Braçadeiras e pulseiras de algodão tecidas e pintadas de urucu em ambos os sexos. Algumas mulheres apresentavam em redor da cintura, na linha do baixo ventre, um fino e apertado cordão (Pr. V e VII-a). Uso por crianças de jarreteiras e tornozeleiras de algodão tecidas e pintadas de urucu (Pranchas V e VII-b). Emprêgo de estreitas faixas tecidas com algodão como tipoias (Pranchas V e VII-a).

Os homens não traziam qualquer pintura corporal, contrastando com os alto-xinguanos que, geralmente, por ocasião de encontros com estranhos enegrecem a face com fuligem. Contudo, nas mulheres, era característico um ornamento facial constituído por três traços inclinados e paralelos sôbre os zíngomas, feitos com jenipapo (Prancha VI). Quanto à pintura vermelha (urucu), sômente a observamos nos cabelos de u'a mulher (Prancha VIII).

Embora não nos fôsse possível visitar a aldeia, os repetidos vôos sôbre a mesma permitiram algumas observações (Prancha II-b). Como já afirmamos a princípio, compreende uma única maloca do tipo alto-xinguanos, a que faltava apenas o quebra-vento na linha da cumieira e os pontais de raízes de pin-daíba. Duas ranchadas sem paredes laterais pareciam servir, como entre os alto-xinguanos, para trabalhos de processamento da mandioca. Uma pequena estrutura ainda não coberta de sapê, repetia o clássico modelo da maloca alto-xinguanas. Pátio da aldeia bastante limpo, dêle saindo trilhas radiais em direção às roças e à margem do Jatobá. (11)

(11) — A aldeia Txikão sobrevoada e fotografada em 1958-59 estava localizada a cêrca de 1 km da margem esquerda do Batovi. Compreendia uma única casa comunal no centro de uma grande clareira, de onde partiam diversas trilhas ligando-a à margem do Batovi e às roças. A casa, de forma semelhante à maloca alto-xinguanas, era de grande tamanho, com planta elítica, teto arredondado e coberto de palha (sapê?), descendo até o chão sem distincão de paredes e com duas aberturas opostas em seu eixo maior. No pátio, pequeno rancho aberto de duas-águas e algumas armações cónicas de varas, possivelmente usadas como gaiolas para *xerimbabos*. Notava-se ainda uma dessas gaiolas de grande tamanho com duas varas cruzadas acima do vértice do cone, a qual, por sua semelhança com as do Alto Xingu, julgamos ser também "gaiola do gavião". Ausência de pa-

A área perimetral da aldeia, num raio de 5 km, é bastante roçada. Esse fato, somado às trilhas muito batidas e ao aspecto externo da maloca, leva-nos a supor uma permanência no local não muito recente. Das plantas só reconhecemos os mandiocais. Constatamos também áreas recém-derrubadas e queimadas para futuras roças. Embora estivéssemos na época das primeiras chuvas ainda não se fizera o plantio, como de hábito no Alto Xingu. (Carneiro, 1961:47). A área abatida, a grosso modo, pareceu-nos não exceder ao comum das roças alto-xinguanas e de formato arredondado.

Predominância da mandioca na dieta alimentar, já observada anteriormente (Simões, 1963), foi-nos confirmada pelos beijus que nos ofereceram, os quais possuíam a mesma consistência e formato circular que os do Alto Xingu. A presença de beijus é indicativa do uso de cerâmica pelos Txikão, pelo menos do assador ou torrador de beijus e de vasilhame para processamento da mandioca (12).

Através de uma foto da antiga aldeia Txikão do Batovi (Simões, 1963: Pr. IV), pareceu-nos identificar “numa armação à esquerda do rancho algo pendurado semelhante a um tipiti e, acima, um outro apoiado sobre a mesma armação” (Ibid.). Isso vem contrastar com a ausência desse instrumento de manipulação da mandioca entre os alto-xinguanos, substituído que é pelo “tuavi”, a esteira-prensa.

Outros aspectos da cultura Txikão são sumariamente descritos abaixo (13). As condições dessa primeira aproximação não

nelas de barro na manipulação da mandioca, substituídas por côchos de casca espalhados pelo chão e encostados nos lados da maloca. (Cf. Simões, 1963).

(12) — Embora não tenhamos observado as grandes panelas alto-xinguanas no pátio da aldeia, é provável sua existência pelo fato dos Txikão, como antigamente os Suyá em suas incursões, raptarem mulheres Waurá e Mehináku, as ceramistas da região. Entre as mulheres presentes nessa primeira aproximação, uma identificou-se como Waurá e outra como Mehináku. Apesar de possuímos um pequeno vocabulário Waurá, não conseguimos entendimentos com as mesmas.

(13) — Alguns elementos da cultura Txikão foram tratados por Simões (1963), baseados nas fotos aéreas, algumas armas e outros objetos pessoais desses índios deixados em seus assaltos à aldeia Mehináku e hoje pertencentes às coleções do *Museu do Índio*.

permitiram um levantamento mais completo da tecnologia desses índios, porém, as peças obtidas somadas àquelas já descritas são suficientes para esclarecer as semelhanças e diferenças do Txikão com os demais grupos da área do Alto Xingu.

ARMAS — Compreendem arco-flechas e bordunas. O arco, de madeira clara (não identificada), é do tipo simples, medindo 1,86 m; secção mista, isto é, retangular para as extremidades com pequeno segmento central (empunhadura) de secção elítica ("Peruvian bow" de Meyer). Corda de algodão com 4 mm de diâmetro, fixação temporal com segmento extra de corda que se enrola quase próximo à empunhadura do arco, formando uma cobertura com, aproximadamente, 18 cm (Pr. IX - figs. 1 a 5). As flechas variam de comprimento: a maior com 1,63 m e a menor 1,51 m, aliás, menores que aquelas da coleção do *Museu do Índio* já descritas (Simões, 1963). A haste é de cana-de-ubá (*Gynerium sagittatum*), medindo cerca de 1,20 m. Vareta cilíndrica de madeira (não identificada) irregular e de dimensões variadas. A parte basal da vareta é encastrada na haste e a distal servindo para fixação da ponta. As pontas das flechas ora coletadas apresentam-se tôdas do tipo farpeado (pesca), inclusive uma com fisga de metal. Os tipos espeque e lanceolado de osso, comuns na coleção do *Museu do Índio*, não foram observados. A emplumação das flechas em todos os exemplares é do tipo "cimentado" ("Peruvian feathering" ou "cement feathering" de Meyer) com duas meias penas negras de mutum (*Crax* sp.), niveladas à haste e presas por fio enrolado em espiral, cêra e resina (Pr. IX - figs. 6 a 11). Interessante é que não observamos nas flechas atuais um único exemplar emplumado com penas de gavião-real (*Harpia harpyja*), então comuns no lote de onze flechas da coleção citada.

Quanto à borduna, por não a portarem os Txikão nesses dois ligeiros contatos, não nos foi possível sua aquisição ou informação, razão pela qual nos reportaremos apenas aos dois exemplares do *Museu do Índio*. São do tipo clava, curtas, chatas de forma ligeiramente lanceolada e secção biconvexa. (Pr. IX - figs. 12-13). Talhadas em siriva (*Cocos* sp.) têm a côr

negra acentuada por polimento com cêra, medindo aproximadamente 75 cm de comprimento por 15 cm de maior largura. Empunhadura destacada do corpo pela presença de dois dentes ou ressaltos, apresentando um exemplar decoração com envoltório de fios de algodão com franjas e alça para transporte a tiracolo (Simões, 1963: prancha VIII).

ADORNOS — Além de colares, brincos, braçadeiras e pulseiras atrás mencionados, utilizam os homens como adorno de cabeça coroas emplumadas. Compõem-se de um aro flexível de buriti (*Mauritia* sp.), em redor do qual são montadas duas fileiras de plumas escalonadas e de côres contrastantes (14). Nos exemplares conseguidos um (Prancha X-a) tem a primeira fileira (menor) de plumas negras de mutum (*Crax* sp.) e a segunda (maior) de plumas amarelas com manchas escuras de arara-canindé (*Ara ararauna*). Já no outro exemplar (Prancha X-b), a segunda fileira é de plumas brancas de garça (*Casmerodius* sp.) (15).

FIAÇÃO E TECELAGEM — Largo emprêgo de algodão na fiação de cordéis para diversos fins, como cordas para arcos, rêdes de dormir, sacolas de malhas, pequenas rêdes para puçás etc., bem como fios destinados à tecelagem. Esta se faz presente na confecção de coifas com cobre-nuca (Simões, 1963: prancha V), tipoias, braçadeiras, pulseiras, jarreteiras e tornozeleiras. De outras fibras constatamos o buriti.

A rêde de dormir possui a urdidura formada por 88 cordéis de buriti frouxos e a trama por fios de algodão espaçados entre si cêrca de 30 cm, fixando por técnica envolvente os cordéis da urdidura. Comprimento total da rêde (punho a punho) 2,60 m e largura máxima 56 cm (16).

(14) — Steinen mostra numa de suas pranchas (1942: Quadro Etnológico I, fig. 6) uma coroa idêntica então em uso entre os Bakairí do Batovi. Esse mesmo autor declara "com plumas atadas num arco de palha formavam-se coroas que circundavam a cabeça" (1940:422).

(15) — A coifa com cobre-nuca tecida em algodão formando desenhos romboédricos e com fileiras de botões de plumas de tucano, da coleção do *Museu do Índio* e já descrita, não foi desta vez encontrada.

(16) — Um tipo semelhante de rêde é descrita por Steinen (1940:295) como pertencente aos Mehináku.

Sacolas de malhas frouxas de fios de algodão com alças, em diversos tamanhos (Prancha XI). Rêdes cônicas para puças de fios de algodão formando malhas apertadas com 5 mm na periferia, diminuindo essas malhas à medida que avançam para o vértice ou centro da rêde.

CESTARIA — Apesar de ser uma técnica manufactureira altamente desenvolvida entre os grupos Karíb, tanto da área Norte-Amazônica como na do Alto Xingu (Cf. Galvão, 1960), entre os Txikão só conseguimos obter e observar, considerando as condições precárias das duas aproximações, algumas peneiras e cestas.

As peneiras são circulares (em média 55 cm de diâmetro), com trançado aberto em técnica *xadrezada* de talas (não identificadas) e de fundo convexo.

No trançado de cestas empregam fôlhas flabeliformes de buriti ou pinuladas de acuri (*Attalea* sp.) com técnica *cruzada*, isto é, em que cada tala da trama passa alternadamente sob ou sôbre duas ou mais talas do urdume. As cestas de buriti eram de fundo quadrangular, rasas e de borda extrovertida circular (Prancha XII-a). A de acuri, também de fundo quadrangular, é mais alta e de borda circular direta (Prancha XII-b).

INSTRUMENTOS MUSICAIS — Dêstes apenas constatamos: uma buzina feita de uma cabaça (*Lagenaria* sp.), em que sômente perfuraram o gargalo; um colar-apito de túbias (jaburu?) reunidas por fios de algodão e cerol (Prancha XIII-a); e uma flauta de osso (não identificado) (Prancha XIII-c).

TRALHA DOMÉSTICA — Diversas cuias e depósitos fabricados de cabaças. Os depósitos para líquido continham alças e suportes em rêde de fios de buriti ou algodão para transporte. As cuias, em diferentes tamanhos, mostram vestígios de enegrecimento interno e com alças os maiores exemplares.

*

* *

A brevidade e natural confusão dêstes dois primeiros contatos não permitiram um levantamento lingüístico satisfatório.

Entretanto, o pequeno vocabulário colhido e gravado, como nos referimos atrás, possibilitou ao especialista afirmar uma indiscutível filiação Karíb para os Txikão (17). Esse vocabulário, comparado a outros dialetos Karíb do Alto Xingu (Bakairí, Nahuquá e Yarumá) ou ainda, ao dos Apiaká do Tocantins, mostra-nos uma certa afinidade, principalmente, com os Yarumá e Apiaká, como podemos verificar no quadro abaixo (18).

	TXIKÃO	BAKAIRÍ	NAHUQUA	APIAKÁ	YARUMÁ
<i>cabelo</i>	ieiput	<i>kxinaraxuto</i>	uakávuru	i-re-put	yempitpum
<i>ôlho</i>	etxwon gengru	<i>kxanu</i>	uvínuru uviuru	anruno	ienguru yenyúro
<i>nariz</i>	onang-ni gená	<i>kxaná_Δ</i>	uináta uvináta	i-nān	yeinát
<i>bôca</i>	ivuraná	<i>kxitá_Δ</i>	untá	i-bāri	üvóri üvori
<i>dente</i>	wen-wen	<i>kxié_Δ</i>	uvire	yeri	üen, uén
<i>língua</i>	ilú	<i>kxúlu</i>	uuru	e-ló	nu
<i>orelha</i>	avanani	<i>kxiuanatá_Δ</i>	uvaná uvanari	i-vanān	üvaná
<i>pé</i>	tapi ipun	<i>kxuxú_Δ</i>	utápu utápüri	i-pun	upun upún
<i>bunda</i>	ivarú	—	uvuru (anus)	—	—
<i>pênis</i>	imoú nenpugená arapugená	<i>kxi_Δé_Δ</i>	uvori	enpen	yembén
<i>fogo</i>	atxí	peto	itó	kampot	kampón
<i>água</i>	gá	páru	tune	paru	páru
<i>sol</i>	txi-txi	ts'ís'i	iti, lití riti	tsitsi	tzizí
<i>pau</i>	itaí iaí	se	i (árvore)	yei	yein

(17) — Agradecemos aqui a colaboração de Ivan Low, do *Summer Institute of Linguistics*, atualmente no Centro de Estudos de Culturas e Línguas Indígenas, da Universidade de Brasília, pela identificação Karíb do vocabulário colhido.

(18) — Para elaboração do quadro lingüístico comparativo, servimo-nos dos vocabulários: Bakairi e Nahuquá do Culiseiu, de Steinen (1940:663-66; 1942:389-405); Apiaká do Tocantins e Yarumá, de Ehrenreich e Meyer (*Apud* Krause, 1936:39-41).

A presença de mais um grupo Karíb na região do Alto Xingu não surpreende; já a suspeitavam Steinen (1940:510) e Ehrenreich (1929:295), em fins do século XIX. Tal era o número de grupos-locais Karíb distribuídos pelos formadores do Tapajós e Xingu àquela época, que Steinen chegou a admitir como “pátria de origem dos caraibas” as cabeceiras do Tapajós e Madeira. Dali uma parte teria emigrado para o norte do Amazonas e a outra, representada pelos Bakairí e Nahuquá, permanecido “mais perto da antiga sede” (1940:513; 1942:359).

Os Bakairí se distribuíam desde as nascentes do Tapajós, a oeste, até os formadores do Xingu, a leste. Enquanto os Bakairí de oeste, também denominados “mansos”, comportavam apenas dois aldeamentos — um no rio Nôvo, afluente do Arinos, e outro no Paranatinga, cabeceiras do Teles Pires —, os Bakairí de leste, conhecidos por xinguanos ou “selvagens”, somavam oito grupos-locais — quatro no rio Batovi e outros tantos no rio Culiseiu (Steinen, 1940:197; 1942:418).

Na mesopotâmia Culiseiu-Culuene concentravam-se os grupos-locais Nahuquá, formando uma faixa compacta de ocupação Karíb entre os paralelos de 12° 30' e 13° S, aproximadamente. Nada menos que 15 aldeias ou grupos-locais computou Meyer para êsses Karíb em 1896, dividindo-os em Nahuquá-Akukú e Nahuquá-Yanamakapü. Aos primeiros pertenciam as aldeias ou grupos-locais Kalapálo, Awinukurú, Arikuanáko, Yamarikumá, Naikaeto, Arawute, Auwauwiti, Aratá, Guapirí e Apanakirí; e aos segundos, Etagl, Oti, Tekiaheto, Kuikúro e Tsego (Meyer, 1897:194) (19).

Mais para leste do Culuene, no território compreendido entre o alto curso do Suiá-missu e o Tanguro, afluente pela direita do Culuene, habitavam os Yarumá que, segundo os alto-xinguanos, teriam vivido no Alto Xingu antes de serem expulsos pelos Suyá (Meyer, 1897:195). Tribo numerosa e aguerrida, reportada por Steinen e Meyer por suas lutas contra os

(19) — Em depoimento mais recente (1949), escreve Lima, referindo-se ao Alto Xingu: “A maior densidade de elementos indígenas vamos encontrar na família Karíb, no território compreendido entre os rios Kuluene e Kurisevu”. (1955:163).

Suyá e Nahuquá e que Petrullo atribui, no passado, a expulsão dos Kalapálo e outros grupos-locais Nahuquá da margem direita do Culuene, onde então habitavam (1932:143). Apesar de Steinen julgá-los aparentados aos Mundurukú (1940:193), são os Yarumá de filiação Karíb, com bastante afinidade lingüística com os Apiaká do Baixo Tocantins (Meyer, 1897:195; Krause, 1936:38-41; Baldus, 1938:7-8), emigrados das cabeceiras do Tapajós em meados do século XIX (Ehrenreich, 1892:42-43) (20).

Dessa população Karíb registrada pelos pioneiros do Alto Xingu, sobretudo por efeitos cumulativos de sucessivas epidemias, alguns grupos-locais desapareceram ou estão em via de extinção (Cf. Galvão & Simões, 1964). Dos Bakairí do Culiseiu, por exemplo, encontrados por Steinen (1887) em quatro aldeias, somente restavam duas 12 anos após e, mesmo assim, em completa decadência (Meyer, 1900:126). É ainda de Meyer a observação que "não demorará muito para o último índio bakairi do Kulisehu ter desaparecido", transferindo-se para o Paranatinga (Ibid: 126-27). Alguns anos depois confirmava-se a previsão de Meyer com a transferência total desses remanescentes Bakairí para o Pôsto Indígena Simões Lopes, no rio Paranatinga (Noronha, 1952:53; Hintermann, 1925:177; Schmidt, 1942:242; Petrullo, 1932:144). Em 1949, Lima, realizando o mesmo itinerário feito por Steinen em 1887, constata a depopulação de todo o Culiseiu, declarando: "Os *Bakairí* que há 70 anos habitavam a parte encachoeirada do rio, foram se deslocando para as cabeceiras e hoje constituem uma população de 144 índios bastante aculturados e que vivem no Pôsto Indígena Simões Lopes" (1955:162).

Processo idêntico se passou com os Nahuquá. Grupos-locais como Aipátse, Tsúva e Naravôto, independentes até 1947, dois anos após desapareciam como unidades tribais, agregando-se os remanescentes aos Kuikúro ou Kalapálo (Lima, 1955:163; Galvão & Simões, 1964:140). Atualmente restam apenas os

(20) — Krause admite uma possibilidade de serem os Yarumá um ramo desses Apiaká que, separado, permaneceu próximo a seu antigo território tribal (1936:41).

grupos-locais Kalapálo, Kuikúro e Nahuquá-Mahipúhy (21), porém, já deslocados de sua primitiva localização pela transferência de suas aldeias mais para o norte, a fim de se fixarem dentro dos limites do Parque Nacional do Xingu (Galvão & Simões, 1964:148).

Imediatamente ao norte da faixa Karíb, situava-se a ocupação Aruak. Esta, mais antiga segundo a memória tribal alto-xinguana, compreendia os Kustenáu (hoje extintos), Waurá, Mehináku e Yawalapití (22). Seguiam-se, na mesma direção norte, os Tupí, com Awetí e Kamayurá, e finalmente, já no curso do Xingu, os Trumái e Suyá. Enclaves mais recentes no norte da área, como já nos referimos, são: Jurúna, originários da foz do Xingu (Galvão, 1952); os Kayabí, procedentes do Teles Pires, e os Kayapó-Txukahamãe do rio Iriri. Todos habitando atualmente as proximidades do Pôsto Diauarum (P.N. X.), na confluência do Suiá-missu com o Xingu. (Cf. Simões, 1963).

De acôrdo com a memória tribal alto-xinguana que afirma a precedência Aruak na região dos formadores do Xingu (23), derivando, portanto, êsses grupos Aruak do norte, via Xingu ou médio Tapajós, os Karíb seriam uma frente de penetração pelo sudoeste, através dos tributários do Tapajós, usando sobretudo os rios Arinos, Teles Pires e Paranatinga.

Atingidas as cabeceiras xinguanas ampliou-se a faixa de ocupação, com a dispersão e estabelecimento dos diferentes grupos Karíb pelas partes superiores e médias dos principais tributários do Xingu, como testemunharam os pioneiros em fins

(21) — Êsses dois grupos-locais, em virtude da proximidade de suas aldeias e do reduzido número de seus habitantes, fundiram-se numa só, hoje localizada próximo à lagoa Mariuahéte, à margem direita do baixo Culuene (Galvão & Simões, 1964: nota 15).

(22) — Em 1963 apresentavam os seguintes montantes demográficos: Waurá — 86 indivíduos; Mehináku — 55; e Yawalapití — 41. (Ibid: 144).

(23) — A toponímia alto-xinguana reforça essa precedência Aruak na região, como por exemplo as denominações dos principais formadores do Xingu (Culuene e Piulene = Ronuro). Por outro lado informam os Kamayurá que ao emigrarem para o baixo Culuene ali encontraram os Waurá como senhores de toda aquela região. A própria lagoa Ypavu pertencia aos Waurá, tendo sido posteriormente cedida por êles aos Kamayurá para que ali se estabelecessem.

do século passado. Estendendo-se desde os formadores do Tapajós aos do Xingu, compreendia, em ordem, os Bakairí de oeste (rios Nôvo e Paranatinga), Bakairí de leste (Batovi e Culiseiu), Nahuquá (Culiseiu-Culuene), e, finalmente, os Yarumá (rio Tanguro e alto curso do Suiá-missu). Faltava, contudo, o sistema Ronuro-Jatobá para completar o quadro de ocupação Karíb de todos os formadores alto-xinguanos (24).

Os Txikão, sôbre os quais persistiam várias hipóteses (25), representam, provavelmente, um elemento residual dessa frente de penetração e ocupação Karíb que, pressionada por outros grupos indígenas (26) ou pela expansão das frentes pioneiras nacionais com eixo no Tapajós, se teria deslocado do Paranatinga ou Arinos para o Ronuro-Jatobá (27) e aí se instalado.

Embora só tenhamos notícias dos Txikão a partir de 1944, com a 1.^a Expedição do SPI ao Culiseiu, acreditamos que êsses índios há muito deveriam habitar a região Ronuro-Jatobá-Batovi.

- (24) — Para êsse fato já chamára atenção Ehrenreich ao escrever que “entre o Alto Tapajós e o Xingu parecem habitar ainda outras tribos Caraibas, das quais uma, a dos Apiacás (que não se deve confundir com a tribo tupi do mesmo nome no Alto Tapajós) há alguns decênios emigrou para nordeste” (1929:252).
- (25) — Três hipóteses procuram explicar a origem dos Txikão: a primeira, motivada pela tradicional beligerância Kayabí-Bakairí, é que os Txikão seriam índios Kayabí do Paranatinga que, fugindo ao contato dos civilizados e pacificação empreendida pelo SPI, teriam emigrado para os rios Jatobá e Batovi; a segunda, considerando por um lado a mitologia e tradição Kamayurá e por outro a desagregação do grande grupo Kawahyb ou Cabahiba narrada por Nimuendaju (1948:283-84), é que os Txikão e outras tribos hostis do oeste alto-xinguanas seriam remanescentes dêsse kawahyb do Tapajós, emigrados para os rios Ronuro e Jatobá (Galvão, 1953:5-6); finalmente, a terceira, proposta por Simões (1963) que, se baseando em alguns elementos culturais Txikão e nas descrições de Meyer e Koch-Grünberg sôbre aquêles índios por êles encontrados na descida do Ronuro, em 1899, é de opinião que os Txikão sejam remanescentes dêsses mesmos índios que Meyer denominara Kabischí, Koch-Grünberg de Apiaká (Tupi) e os Suyá de Cuiaaús.
- (26) — Os Mundurukú, por exemplo, que além de determinarem a divisão e dispersão dos Cabahiba ou Kawahyb do Alto Tapajós, segundo Tocantins (1877:96) “em tempos antigos venceram os Bakairí e os obrigaram a entrar no Mato Grosso, onde foram aldeados”. (*Apud* Steinen, 1940:499-500).
- (27) — Marcha nesse sentido foi realizada pelos Apiaká (Karíb) que, penetrando na área alto-xinguanas, oriundos do rio Verde, foram empurrados para leste e norte pelos Suyá, terminando seus últimos remanescentes na Praia Grande, no rio Tocantins (Ehrenreich, 1895:170).

Já em 1884 falaram os Suyá a Steinen sôbre os “Cuiaaús” do rio Ronuro (1885:70), como também Vogel, companheiro de Steinen, ouviu do “capitão” Awetí como sendo êsse rio habitado por Kabischi e Kayapó (Steinen, 1940:191). Acresce que, em 1899, Meyer e Koch-Grünberg ao descerem o Ronuro, além de inúmeros vestígios de índios, encontraram à margem esquerda do curso inferior dêsse rio um pôrto, e mais distante, terra a dentro, uma aldeia. Apesar dos poucos índios que ali estavam fugirem, pelas descrições de Meyer (1900:125-26) e Koch-Grünberg (1902:359) sôbre a aldeia, maloca, alguns utensílios e armas abandonados pelos índios, encontramos uma série de coincidências entre êles e os atuais Txikão, como o feitio da aldeia, tipo de maloca, tipo de canoas e remos, emplumação cimentada das flechas, etc.

Quer-nos parecer que sejam os Txikão os remanescentes dêsses índios do Ronuro que Meyer denominou de Kabischi (Aruak) e mais tarde Koch-Grünberg, de Apiaká (Tupi). Localizados inicialmente no Ronuro, dali teriam sido possivelmente expulsos por outros grupos, como os Suyá ou Kayapó, em período mais recente, emigrando para a região do Batovi, então abandonada pelo êxodo dos Bakairí para o Paranatinga. Ali isolados, sem nenhum contato com as tribos alto-xinguanas, teriam passado despercebidos, mormente se levarmos em conta que após a descida do Batovi por Steinen em 1884, nenhuma outra expedição por ali passou, a que tenhamos informação. Comprova essa ausência de contato mais íntimo com os demais grupos o fato de que, não obstante a absorção de alguns elementos universais dessa área cultural (Galvão, 1960:28-9; Galvão & Simões, 1964: 138), apresentam os Txikão diferenças marcantes em seu inventário cultural (adornos, ausência do “uluri”, cestaria, armas, etc.). Por outro lado, ao contrário dos alto-xinguanos que em suas relações intertribais, a despeito da rivalidade e mêdo mútuos (28), prevalece um forte sentimen-

(28) — “Intertribal bonds within the upper Xingú Basin were based on peaceful relations between the tribes. These tribes formed part of a bounded social system in which groups outside the area did not take part... Other tribes were uniformly, regardless of cultural or linguistic affinities... Despite this peaceful interaction among the

to de habituação e coexistência pacíficas, os Txikão se caracterizam por uma rivalidade e agressividade permanentes.

Sòmente depois de 1944, com o ataque aos Nahuquá no Culiseiu, passaram a aparecer pelas cabeceiras dêsse rio e atacar as aldeias Mehináku e Waurá, as mais próximas de seu território tribal. Localizados em 1958-59 no Batovi, dali foram afugentados pelos Waurá e Mehináku em 1960, retirando-se para a confluência Jatobá-Ronuro. Mais tarde subiram o Jatobá, onde agora se encontram.

Com a atual identificação lingüística Karíb dos Txikão, bastante assemelhada aos Yarumá e Apiaká, e a possibilidade de serem êles elementos residuais daquele grupo do Ronuro encontrado por Meyer e Koch-Grünberg, finalmente se comprova a hipótese de Ehrenreich, bem como se completa a faixa de migração e ocupação Karíb encontrada pelos pioneiros do Xingu que, partindo de sudoeste dos formadores do Tapajós (Ariños, Teles Pires e Paranatinga), passava pelos do Xingu (Ronuro, Batovi, Culiseiu e Culuene), rumando então para nordeste, através dos rios Tanguro e Suiá-missu.

Xingú villages, there was considerable mutual fear and hostility between them... The component groups constitute far more than a culture area — they form a society". (Murphy & Quain, 1955:10).

SUMMARY

The Upper Xingú River (State of Mato Grosso, BR), is inhabited by a number of ethnologically well known Indian groups of a very homogeneous culture, despite linguistic differences. It is a true culture area. However others tribes, some already known, others only through poorly accessed information are peripheral to the area, or form small enclaves within it. The existence of some, are considered doubtful. But, one of them, in the late years, became notorious and very real, by its repeated raids against the xinguan villages, the Txikão.

Last October when flying over the region on an ordinary inspection duty, Orlando and Claudio Vilas-Boas, of the National Park of the Xingú, located a small Indian village on the Jatobá River an affluent of the Ronuro that flows into the Xingú River, and could be identified as belonging to the Txikão, on the basis of previous information. Some days later, two planes were able to land at a savannah strip close by the village. A first and friendly contact was made with the Indians. At a second time it was possible to collect ethnographical material and a small vocabulary. It was clear their linguistic affinities with the Karibbean family linguistic. The relations being more close to the old Yarumá, from the Tanguro River, and the Apiaká from the Tocantins River. Aerial photos were taken, which allied with the artifacts collected and personal observations, made possible the description of some aspects of the Txikão material culture. Based on the data given by Meyer and Koch-Grünberg about Indians found on the Ronuro River, in 1899, the authors admit the possibility that the modern Txikão might be the remnants of these Indians.

BIBLIOGRAFIA CITADA

BALDUS, HERBERT

- 1938 — Uma ponte etnográfica entre o Xingu e o Araguaia. *Revista do Arquivo Municipal XLIII*, São Paulo, pp. 7-12.

CARNEIRO, ROBERT L.

- 1961 — Slash-and-burn cultivation among the Kuikuro and its implications for Cultural development in the Amazon Basin. *Antropologica Supplement* n.º 2. The Evolution of Horticultural Systems in Native South America: Causes and Consequences — A Symposium, Caracas, pp. 47-67.

EHRENREICH, PAUL

- 1892 — Divisão e distribuição das tribus do Brasil segundo o estado actual dos nossos conhecimentos. *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, tomo VIII, n.º 1, Rio de Janeiro, pp. 3-36.
- 1895 — Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens: V Die Sprache der Apiaka (Para). *Zeitschrift für Ethnologie*, XXVII, Berlin, pp. 168-176.
- 1929 — A segunda expedição alemã ao Xingú. *Revista do Museu Paulista*, XVI, São Paulo, pp. 247-275.

GALVÃO, EDUARDO

- 1952 — Breve Notícia sobre os índios Jurúna. *Revista do Museu Paulista*, N. S., VI, São Paulo, pp. 469-477.
- 1953 — Cultura e sistema de Parentesco das Tribos do Alto Xingu. *Boletim do Museu Nacional*, N. S. Antropologia n.º 14, Rio de Janeiro.
- 1960 — Áreas Culturais Indígenas do Brasil: 1900-1959. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série, Antropologia n.º 8, Belém.

GALVÃO, EDUARDO E SIMÕES, MÁRIO F.

- 1964 — Kulturwandel und Stammesüberleben am oberen Xingú Zentralbrasilien. *Voelkerkundliche Abhandlungen*, Band I. Niedersächsisches Landesmuseum Hannover, Hannover, pp. 131-151.

HINTERMANN, HEINRICH

- 1925 — Beitrag zur Ethnographie der Kuluena- und Kulisevu-Indianer. *Verhandlungen der Schweizerischen Naturforschenden Gesellschaft*, 106 Jahresversammlung in Aarau, II Teil Aarau, pp. 176-178.

KOCH (GRÜNBERG), THEODOR

- 1902 — Die Apiaká-Indianer (Rio Tapajós, Mato Grosso). *Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte*, Berlin, pp. 350-379.

KRAUSE, FRITZ

- 1936 — Die Yarumá — und Arawine — Indianer Zentralbrasilien. *Baessler-Archiv* XIX, Berlin, pp. 32-44.

LIMA, PEDRO E. DE

- 1950 — Os Índios Waurá. Observações gerais. A cerâmica. *Boletim do Museu Nacional, Nova Série, Antropologia* n° 9, Rio de Janeiro.
- 1955 — Distribuição dos grupos indígenas do Alto Xingu. *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*, vol. I, São Paulo, pp. 159-170.

MEYER, HERRMANN

- 1897 — Über seine Expedition nach Central-Brasilien. *Sonderdruck aus den Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde*, N. 3, Berlin, pp. 172-198.
- 1899 — Nos arredores das fontes do Xingú. Paizagens e povos do Brasil Central. *Revista Brasileira*, ano V, t. XVII, fasc. 87, Rio de Janeiro, pp. 302-318.
- 1900 — Bericht über seine zweite Xingú-Expedition. *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, N. 2, u. 3, pp. 112-128.

MURPHY, ROBERT F. E QUAIN, BUELL

- 1955 — The Trumai Indians of Central Brazil. *Monographs of American Ethnological Society*, XXIV, J. J. Augustin Publisher, Locust Valley, New York, xii, 108 pp. Bibliografia.

NORONHA, RAMIRO

- 1952 — Exploração e levantamento do Rio Culuene, principal formador do rio Xingu; reconhecimento de verificação no divisor Arinos-Paranatinga; fundação dum Pôsto de Proteção aos Índios; medição e demarcação de terras para os Bacairi. Conselho Nacional de Proteção aos Índios, *Publicação n.º 75* da "Comissão Rondon", Rio de Janeiro, 77 pp. 41 pranchas fora do texto.

NIMUENDAJÚ, CURT

- 1948 — The Cawahib, Parintintin, and their Neighbors *Handbook of South American Indians, Bureau Amer. Ethnol. Bull*, 143, vol. 3, Washington, pp. 283-297.

PETRULLO, VINCENT M.

- 1932 — Primitive Peoples of Matto Grosso, Brazil. *The Museum Journal*, XXIII, n° 2, University Museum, Philadelphia, pp. 83-173.

QUAIN, BUELL E MURPHY, ROBERT F.

- 1955 — The Trumai Indians of Central Brazil. *Monographs of American Ethnological Society*, XXIV, J. J. Augustin Publisher, Locust Valley, New York, xii, 108 pp. Bibliografia.

SCHMIDT, MAX

- 1942 — Resultados de minha Expedição bienal a Mato Grosso. De setembro de 1926 a agosto de 1928. *Boletim do Museu Nacional* XIV:XVII, 1938-1941, Rio de Janeiro, pp. 241-285.

SIMÕES, MÁRIO F.

- 1963 — Os Txikão e outras tribos marginaes do Alto Xingu. Comunicação apresentada à VI Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em São Paulo. *Revista do Museu Paulista*, N. S., vol. XIV, pp. 76-104. No prélo.

SIMÕES, MÁRIO F. E GALVÃO, EDUARDO

- 1964 — Kulturwandel und Stammesüberleben am oberen Xingú, Zentralbrasilien. *Voelkerkundliche Abhandlungen*, Band I. Niedersächsisches Landesmuseum Hannover, Hannover, pp. 131-151.

STEINEN, KARL VON DEN

- 1885 — Exploração do Rio Xingú, e homenagem tributada aos exploradores. *Boletim da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, tomo I, n.º 1, pp. 57-83.

- 1940 — Entre os Aborígenes do Brasil Central. Separata da *Revista do Arquivo* ns. XXXIV a LVIII, Departamento de Cultura, São Paulo, 714 pp.

- 1942 — O Brasil Central. *Brasiliana, Formato Grande*, vol. III, São Paulo, 420 pp.

TOCANTINS, ANTONIO MANOEL GONÇALVES

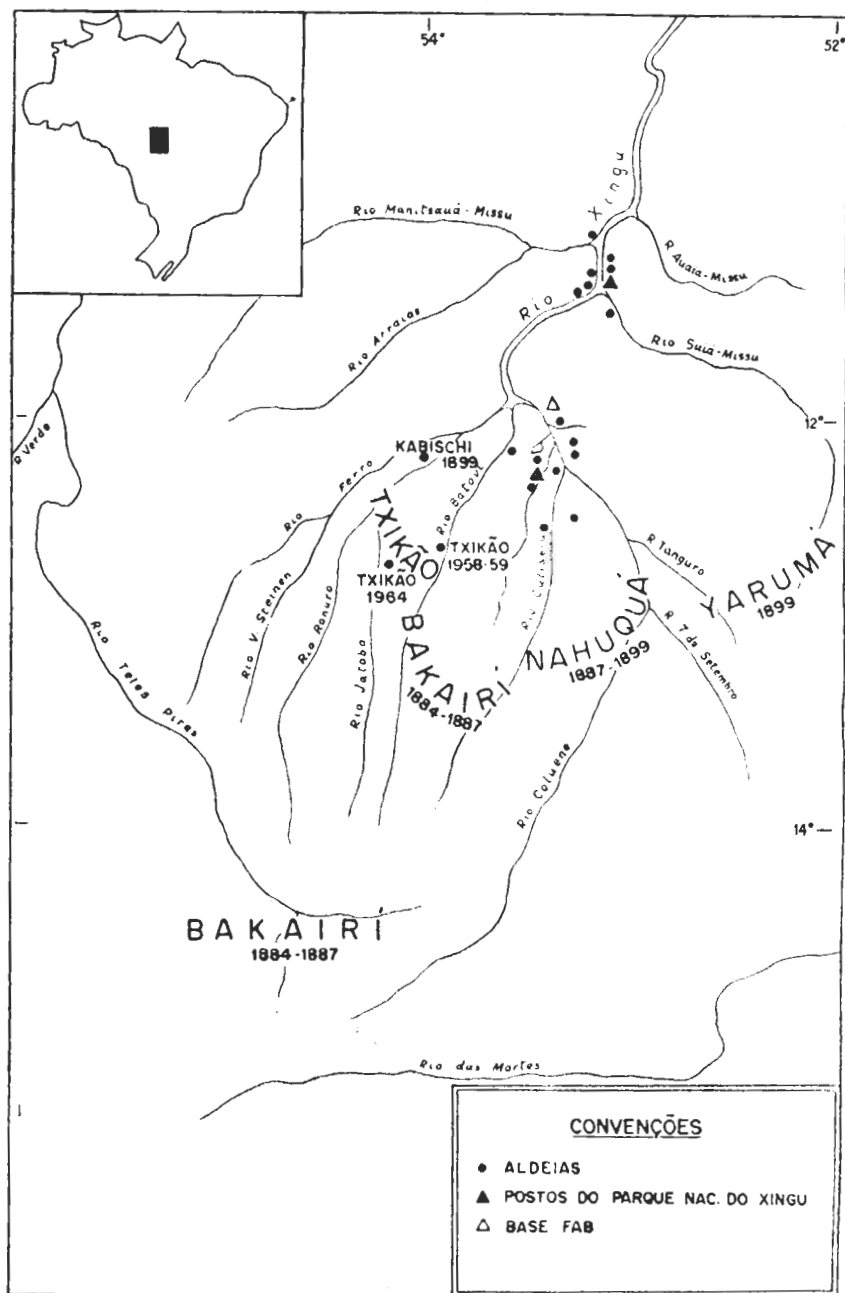
- 1877 — Estudos sobre a tribo *Mundurucú*. *Revista Trim. do Inst. Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, T. XL, parte segunda, Rio de Janeiro, pp. 73-161.

YOUNG, THOMAS

- 1948 — ms. Relatório de viagem ao Culiseiu apresentado ao Diretor do Serviço de Proteção aos Índios.

- Relatórios das Expedições Cinefotográficas do SPI, 1944 e 1945.

Mapa do Alto Xingu com localização da aldeia Txikão e a zona de ocupação Karíb encontrada pelos pioneiros em fins do século XIX.



a — Aldeia Txikão do Batovi, em 1958-59

b — Aldeia Txikão do Jatobá, em 1964

